



O PLANO DE TRABALHO DOCENTE COMO ATIVIDADE DE MEDIAÇÃO

THE TEACHING WORK PLAN AS A MEDIATION ACTIVITY

Mônica Cristina Metz¹

RESUMO: Fundamentando-se no conceito de mediação discutido por Vygotsky, tem-se por objetivo, neste artigo, uma discussão acerca das atividades de mediação através dos signos e dos instrumentos a fim de uma aproximação dessas atividades com o Plano de Trabalho Docente, documento em que os professores das escolas públicas do estado do Paraná definem e delineiam o trabalho a ser realizado em uma turma específica durante um bimestre ou semestre. Com essa aproximação busca-se pensar o ato de planejar como uma atividade extremamente importante no trabalho em sala de aula, uma vez que auxilia, além da sua prática pedagógica, o desenvolvimento e a formação do professor.

PALAVRAS-CHAVE: Plano de Trabalho Docente, mediação, instrumento.

ABSTRACT: The objective of this study is to discuss the mediation activities through the signs and instruments in order to approach these activities with the Teaching Work Plan, based on the concept of mediation discussed by Vygotsky. In this document, teachers of public schools in the state of Paraná define and delineate the work to be done in a specific class during a semester or two months. Therefore, it is thought that the act of planning is an extremely important part of the teacher's work, as it assists their teaching as well as their development and training.

KEYWORDS: Teaching Work Plan, mediation, instrument.

1. Considerações iniciais

Os estudos sob a perspectiva sócio-histórica desenvolvidos a partir das idéias de Vygotsky trazem um novo horizonte para o trabalho pedagógico em sala de aula, uma vez que problematizam a importância da mediação no processo de ensino-aprendizagem. Para Vygotsky, o homem se relaciona com o mundo de uma forma mediada, e para que ele se aproprie dos esquemas de utilização dos diversos meios utilizados para esse relacionamento, o outro, isto é, um mediador se faz necessário.

Nesse sentido, tem-se por objetivo neste artigo uma discussão acerca das atividades de mediação através dos signos e dos instrumentos a fim de uma aproximação dessas atividades com o

¹ Mestranda em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos, linha de pesquisa: Ensino-aprendizagem de línguas, Universidade Estadual de Maringá (UEM). Email: monicametz@gmail.com



Plano de Trabalho Docente, documento em que os professores das escolas públicas do estado do Paraná definem e delinham o trabalho a ser realizado em uma turma específica durante um bimestre ou semestre.

É importante destacar que nossa intenção é pensar o Plano de Trabalho Docente como uma atividade de mediação entre o professor e o seu trabalho em sala de aula e não entre o professor e o aluno. Para tanto, iniciamos com uma breve exposição dos conceitos de atividade mediada através dos instrumentos e dos signos, buscando, em seguida, uma aproximação desses conceitos com o ato de planejar do professor, que se materializa no Plano de Trabalho Docente.

2. A mediação através dos instrumentos e dos signos

Segundo Vygotsky (2007), toda forma primária do comportamento humano e do seu relacionamento com o mundo pressupõe uma relação *direta* entre o homem e uma situação-problema e/ou um objeto. Essa forma de relacionamento pode ser representada por uma fórmula simples como (H \longrightarrow O). A relação do homem com o mundo, no entanto, pode acontecer através de uma atividade mediada, isto é, não mais direta, mas indiretamente. A princípio, podemos representar esse tipo de atividade com a figura a seguir:

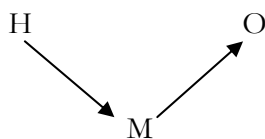


Figura 1

Existem diferentes formas de atividade mediada, neste artigo, especificamente, trataremos da mediação através dos instrumentos e dos signos. Tanto o signo quanto o instrumento tem função mediadora, e esse é o ponto comum aos dois tipos de atividade, mas são de naturezas diferentes.

No caso do uso dos instrumentos, o homem se relaciona com as coisas do mundo utilizando-se de ferramentas, de forma concreta. A espécie humana sempre criou e cria a cada dia novos



instrumentos que a auxiliam cada vez mais em diferentes tarefas, e é essa mesma a natureza do uso de instrumentos, a possibilidade de modificação e de controle da natureza pelo homem.

E assim como os instrumentos são criados para auxiliar o homem em determinadas tarefas, os signos também o são, só que de uma forma diferente: “A invenção e o uso de signos como meios auxiliares para solucionar um dado problema psicológico (lembrar, comparar coisas, relatar, escolher, etc.) é análoga à invenção e uso de instrumentos, só que agora no campo psicológico” (VYGOTSKY, 2007, p. 52).

Conforme Oliveira (s.d.)², os signos são uma forma posterior de mediação, pois fazem uma interposição entre o sujeito e o objeto de conhecimento, o psiquismo e o mundo, o sujeito e o mundo, de uma forma que não é concreta como os instrumentos, mas de uma forma simbólica, que tem por objetivo o controle pelo indivíduo do seu próprio comportamento.

A principal diferença, portanto, entre os signos e os instrumentos se baseia nas diferentes maneiras com que eles orientam o comportamento humano. Vejamos as características de cada uma dessas atividades de mediação:

A função do instrumento é servir como um condutor da influência humana sobre o objeto da atividade; ele é orientado *externamente*; deve necessariamente levar a mudanças nos objetos. Constitui um meio pelo qual a atividade humana externa é dirigida para o controle e domínio da natureza (VYGOTSKY, 2007, p. 55, grifo do autor).

Representamos a atividade mediada pelos instrumentos com a figura seguinte:

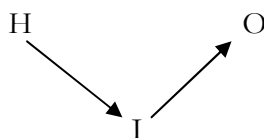
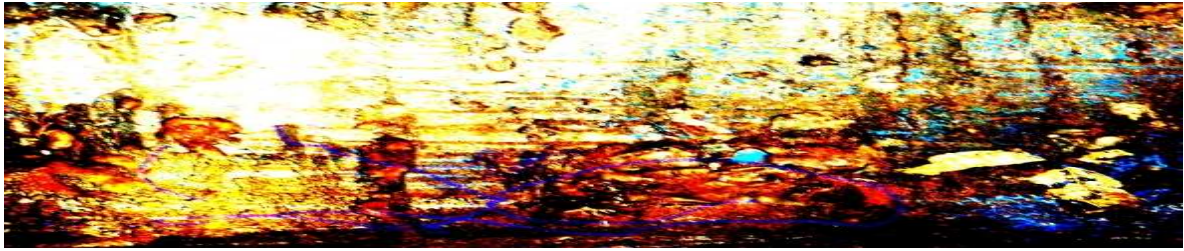


Figura 2

Podemos exemplificar esse tipo de atividade com uma situação simples do cotidiano como descascar uma laranja: para a realização da tarefa de descascar uma laranja (O), um indivíduo (H) se

²Fazemos referência ao vídeo eletrônico sobre Vygotsky apresentado por Marta Kohl de Oliveira (ver referências). Por não encontrarmos a data da sua produção, referenciaremos apenas o nome da autora ao longo do trabalho.



utiliza de uma faca (I). (H) através do instrumento (I) age sobre (O), modificando-o, isto é, deixando a laranja sem casca.

“O signo, por outro lado, não modifica em nada o objeto da operação psicológica. Constitui em meio da atividade interna dirigida para o controle do próprio indivíduo; o signo é orientado *internamente*” (VYGOTSKY, 2007, p. 55, grifo do autor). Representamos a atividade mediada através dos signos com a figura 3:

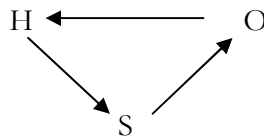
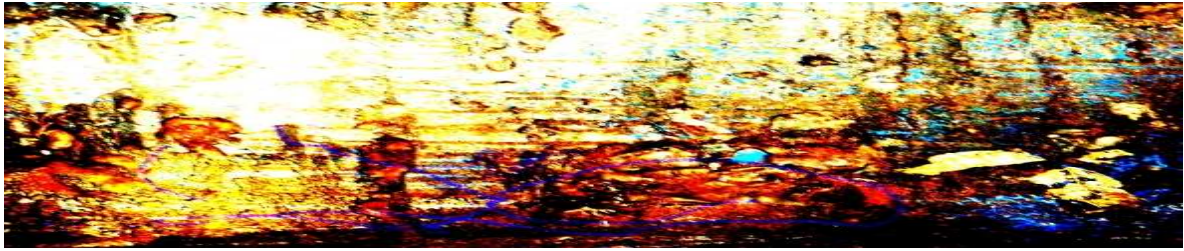


Figura 3

Para melhor compreensão da figura, tomemos como exemplo uma situação em que um indivíduo ata um nó em um lenço com o objetivo de lembrar que precisa realizar determinada tarefa. O objetivo a ser alcançado por esse indivíduo (H) é a tarefa a ser realizada (O), e o ato de atar o nó (S) é o meio pelo qual (H) lembrará de seu objetivo. Isto é, diferentemente dos instrumentos, os signos não agem sobre o objeto, mas sobre o próprio indivíduo, uma vez que o nó feito no lenço não afeta, não age sobre a tarefa a ser realizada, mas sobre o comportamento desse indivíduo, que se lembrará de realizar a tarefa. Por isso, é que a figura representada acima traz uma seta que mostra a ação reversa causada pelo signo: o signo se volta ao indivíduo e não ao objeto.

Conforme Oliveira, além desse tipo de atividade simbólica, que ainda tem de certo modo uma realização concreta, por estar visível na exterioridade, há um plano de operação com signos ainda mais complexo, a saber, o plano internalizado. Nesse plano, os signos funcionam como sistemas de representação simbólica dentro do sistema psicológico do sujeito. Isso quer dizer que cada indivíduo possui, internamente, esquemas de representações da realidade, de modo que o seu relacionamento com o mundo será mediado por essas representações e não, simplesmente, de uma forma direta com a realidade.

Oliveira exemplifica esse tipo de operação simbólica com o modo que um indivíduo se relaciona com o objeto mesa: dentro do sistema psicológico do sujeito há uma representação



simbólica desse objeto, o conceito de mesa, a idéia de mesa, o significado de mesa, e o relacionamento do sujeito com esse objeto será mediado por essa representação interna.

Dessa forma, a relação do homem com o mundo se dá por meio das representações da realidade constituídas no campo psicológico, e essas representações se constroem a partir dos sistemas simbólicos constituídos socialmente, isto é, os signos. Para Vygotsky, o sistema mais representativo e importante, nesse sentido, é a linguagem.

Os instrumentos, portanto, têm a característica de auxiliar o indivíduo na realização de tarefas que são externas ao indivíduo, e o uso desses instrumentos se dá de acordo com determinados esquemas de utilização. Esses esquemas, por sua vez, são dados ao indivíduo no seu convívio social e precisam ser apropriados pelo mesmo. Isso quer dizer que mesmo o instrumento sendo uma atividade de mediação orientada externamente, os seus esquemas de utilização, necessariamente, precisam ser internalizados pelo sujeito. Da mesma forma, as representações simbólicas adquiridas pelo sujeito, a partir das suas experiências com o mundo ou a partir das experiências dos outros³, são internalizadas por ele, e a reorganização interna desses esquemas e representações é que estarão na base da sua formação enquanto sujeito. Nas palavras de Baquero (2001, p. 32),

o sujeito parece se formar na apropriação gradual de instrumentos culturais e na interiorização progressiva de operações psicológicas constituídas inicialmente na vida social, isto é, no plano interpsicológico; mas, reciprocamente, a cultura se ‘apropria’ do sujeito na medida em que o forma.

Nesse sentido, apesar dos instrumentos e dos signos serem de naturezas distintas, há, segundo Vygotsky (2007, p. 55), uma ligação real entre esses dois tipos de atividade: “o controle da natureza e o controle do comportamento estão mutuamente ligados, assim como a alteração provocada pelo homem sobre a natureza altera a própria natureza do homem”. Ou seja, à medida que um indivíduo se insere nas práticas sociais apropriando-se gradualmente de sistemas simbólicos e dos esquemas de utilização de diferentes instrumentos, o seu comportamento e as suas atividades psicológicas vão adquirindo novas formas, de modo que as funções psicológicas começam a operar no próprio uso de novos instrumentos, como também, em representações simbólicas cada vez mais

³ Conforme Oliveira, grande parte das ações de um indivíduo no mundo são mediadas através da experiência dos outros e não por sua própria experiência. Neste trabalho não nos aprofundaremos nessa questão.



complexas. A análise de Vygotsky, dessa forma, “atribui à atividade simbólica uma função organizadora específica que invade o processo do uso de instrumento e produz formas fundamentalmente novas de comportamento” (VYGOTSKY, 2007, p. 11), e completa:

O uso de meios artificiais – a transição para a atividade mediada – muda, fundamentalmente, todas as operações psicológicas, assim como o uso de instrumentos amplia de forma ilimitada a gama de atividades em cujo interior as novas funções psicológicas podem operar. Nesse contexto, podemos usar o termo função psicológica *superior*, ou *comportamento superior* com referência à combinação entre o instrumento e o signo na atividade psicológica (VYGOTSKY, 2007, p. 56, grifos do autor).

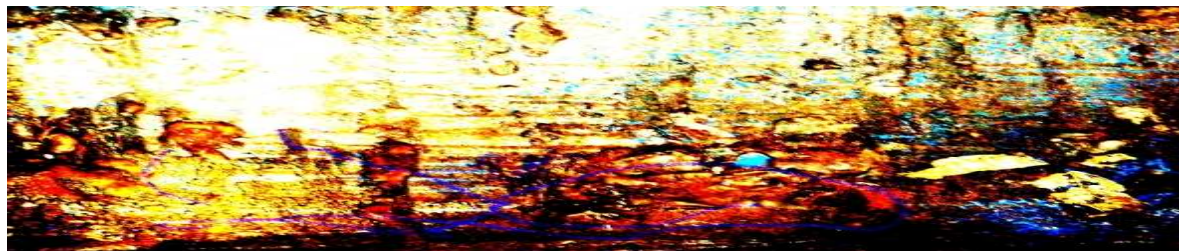
Vygotsky distingue, portanto, dois tipos de processos psicológicos, a saber, os Superiores e os Elementares. Conforme a definição do autor, os Processos Psicológicos Superiores caracterizam-se pelo uso combinado dos instrumentos e dos signos, por oposição aos Processos Psicológicos Elementares, que se situam no uso elementar de alguns instrumentos de mediação, sem a presença de atividades simbólicas.

É, então, sobre os Processos Psicológicos Superiores que Vygotsky e os estudos suscitados a partir de suas ideias se voltam com maior interesse, justamente, porque esses Processos são resultantes dos diferentes contextos em que há ensino-aprendizagem. Ou seja, para que o indivíduo internalize diferentes Processos Psicológicos Superiores, ele precisa, necessariamente, de mediação.

Discorreremos até aqui, de forma breve, acerca dos conceitos de atividade mediada por meio dos instrumentos e dos signos. A seguir, passamos à discussão sobre o Plano de Trabalho Docente na tentativa de aproximação desse documento com os conceitos expostos.

3. O Plano de Trabalho Docente como atividade de mediação

Os professores das escolas públicas de nível fundamental e médio do estado do Paraná reúnem-se, no início e no meio de cada ano letivo, em semanas pedagógicas e de estudo para (re)elaborar e refletir, entre outras questões, acerca do Plano de Trabalho Docente (PTD),



documento no qual se estabelecem as linhas-mestras que norteiam o trabalho pedagógico do professor em determinada turma.

O PTD, por determinação da Secretaria de Estado da Educação do Paraná, substitui o antigo Planejamento Anual e pode ser organizado de forma semestral ou bimestral conforme a preferência de cada professor. Não se trata, portanto, de mera mudança de nomenclatura, uma vez que o PTD objetiva uma presença mais ativa em sala de aula, justamente porque sua nova forma de organização permite aos professores o trabalho concomitante de planejar e executar.

Não é nenhuma novidade que o planejamento, seja ele anual, semestral ou bimestral, muitas vezes se resume a um amontoado de conteúdos demasiadamente abrangentes, servindo apenas para cumprir uma questão burocrática da escola. Quando não acaba esquecido nas gavetas da secretaria pedagógica, é utilizado pelos professores com o único objetivo de ser vencido até o final do ano letivo (cf. DALMÁS, 2002; RODRIGUES, 2003; XAVIER, 2003).

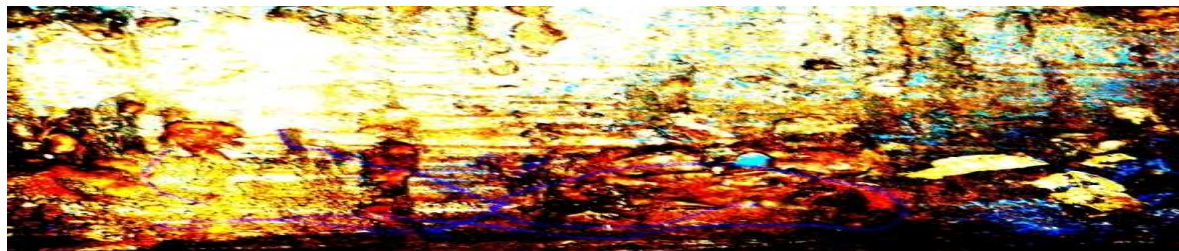
Após uma breve exposição dos conceitos das atividades de mediação através dos signos e dos instrumentos, nosso propósito, neste artigo, é de tentar pensar o PTD como uma atividade de mediação extremamente importante para a prática pedagógica dos professores.

Nesse sentido, fundamentamo-nos no pensamento de Libâneo (1990) de que o ato de planejar vai muito além do simples preenchimento de formulários para fins burocráticos de uma escola. O PTD deve ser pensado como peça fundamental de todo o processo de ensino-aprendizagem dessa instituição. O autor aponta que

ao planejarem o processo de ensino, a escola e os professores devem, pois, ter clareza de como o trabalho docente pode prestar um efetivo serviço à população e saber que conteúdos respondem às exigências profissionais, políticas e culturais postas por uma sociedade que ainda não alcançou a democracia plena (LIBÂNEO, 1990, p. 227).

E, ainda, segundo o autor, “o planejamento é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente”, que articula a atividade escolar e a problemática social e fundamenta as ações docentes em opções político-pedagógicas, “tendo como referência permanente as situações didáticas concretas” (LIBÂNEO, 1990, p. 222).

Buscando uma aproximação entre as características do ato de planejar expostas por Libâneo (1990) e os conceitos de atividade mediada de Vygotsky (2007) consideramos o PTD, ao mesmo



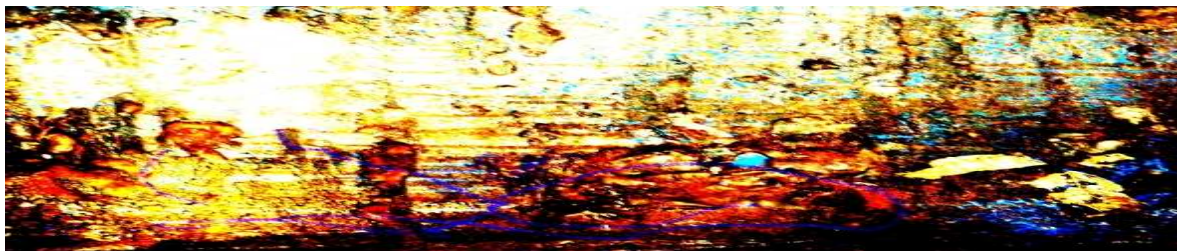
tempo, como instrumento e como signo interposto entre o professor e o seu trabalho em sala de aula.

Pensando sobre a natureza dos instrumentos, que é a de mediar a ação de um indivíduo na realização de uma determinada tarefa, podemos pensar o PTD como um instrumento dessa natureza, uma vez que o objetivo do documento é o de auxiliar o professor na sua prática em sala de aula. Ou seja, com o auxílio do PTD o professor tenta realizar determinados objetivos pedagógicos com uma turma específica, buscando transformar a realidade dos alunos dessa turma. O PTD se caracteriza, dessa forma, como um instrumento-guia para o trabalho do professor, no qual são determinados *o que, o porquê e o como* do fazer pedagógico. Pensamos que esse prestar um serviço efetivo à população, do qual fala Libâneo, vem ao encontro da natureza do uso de instrumentos, de ser orientado externamente com o objetivo de modificar a realidade do objeto ou da situação-problema.

Mas, o PTD somente será mediador, no sentido proposto, se o professor se apropriar desse instrumento, construindo seus esquemas de utilização. Isto é, é necessário que o professor conceba esse documento como uma atividade de mediação entre ele e o seu trabalho e não mais como um simples formulário a ser preenchido. Além disso, é imprescindível usá-lo como mediador, aproveitando-se desse instrumento e das possibilidades de melhorar o seu trabalho a partir da sua mediação. Se o PTD servir somente como um amontoado de conteúdos a serem repassados aos alunos ou se for esquecido nas gavetas da equipe pedagógica da escola não estará sendo utilizado como instrumento, não será mediador de nenhum tipo de atividade. O documento precisa estar, necessariamente, entre o professor e a sua prática em sala de aula.

E além de instrumento, podemos pensar o PTD como signo, isto é, como uma atividade mediada simbolicamente. À medida que o professor vai construindo os esquemas de utilização do PTD, o PTD vai se transformando em um documento orientado para o domínio da natureza, isto é, para a modificação da realidade externa, e, ao mesmo tempo, para o domínio do próprio indivíduo.

O *processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente*, tratado por Libâneo, é um processo voltado para o próprio professor, para o seu modo de pensar *o que, o porquê e o como* do fazer pedagógico. As opções político-pedagógicas do professor estão estritamente ligadas ao modo como esse profissional entende a realidade que o cerca. Em outras palavras, as escolhas feitas pelo professor para o seu trabalho em sala de aula se baseiam na representação que esse profissional tem da realidade do seu contexto escolar.



Além desse aspecto de refletir as representações do professor, o PTD também é o mediador entre a prática em sala de aula e a reflexão sobre essa prática. A partir do PTD, o profissional da educação vai refletir sobre a sua atuação pedagógica modificando as suas ações e o seu modo de pensar conforme as experiências e os obstáculos encontrados no seu dia-a-dia. O papel do PTD, nesse sentido, não se configura em assegurar, “por si só, o andamento do processo de ensino” (LIBÂNEO, 1990, p. 225), visto que é necessário que ele esteja sempre vinculado à prática, num processo contínuo de revisão e reflexão.

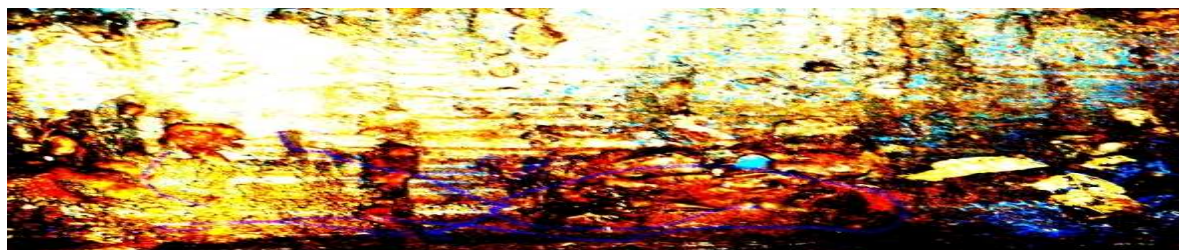
Assim, a reflexão, a avaliação e a revisão da atuação pedagógica em sala de aula é o resultado da mediação do PTD num plano simbólico entre o professor e o seu trabalho pedagógico. E a mediação concreta entre esse profissional e a sua prática é vista na modificação da realidade escolar através do auxílio do PTD.

4. Considerações finais

Buscamos, neste artigo, pensar o PTD como uma atividade de mediação entre o professor e a sua prática em sala de aula orientada, ao mesmo tempo, externa e internamente. Conforme constatação recente (METZ; ANGELO, 2008), o trabalho com o Plano de Trabalho Docente nas escolas ainda não vai muito além do preenchimento de tabelas para cumprimento de questões burocráticas da escola.

Pensamos que há uma necessidade de se pensar o PTD como uma atividade de mediação extremamente importante para o trabalho em sala de aula. E, nesse sentido, as pesquisas e estudos acerca das atividades de mediação, suscitadas pela teoria vygotskyana, abrem um espaço para poder se pensar o ato de planejar como uma atividade que auxilia, além da sua prática pedagógica, o desenvolvimento e a formação do professor.

Ainda são necessários mais estudos sob essa perspectiva que tentamos traçar neste trabalho, mas pensamos que um começo de reflexão já se faz possível a partir da aproximação dos conceitos e da natureza da mediação através dos signos e dos instrumentos com os conceitos e a natureza do ato de planejar, isto é, de construir um Plano de Trabalho Docente.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAQUERO, Ricardo. Idéias Centrais da Teoria Sócio-Histórica. In: __. *Vygotsky e a aprendizagem escolar*. Porto Alegre: Artimed, 2001, p. 25-45.

DALMÁS, Ângelo. *Planejamento participativo na escola*. 10. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

LIBÂNEO, José Carlos. O planejamento escolar. In: __ *Didática*. São Paulo: Cortez, 1990, p. 221-247.

METZ, Mônica Cristina; ANGELO, Cristiane Malinoski Pianaro. Planejamento de Língua Portuguesa: concepções subjacentes. *Revista Querubim*, Rio de Janeiro, ano 04, nº 06, jan-jun. 2008. Disponível em: <http://www.uff.br/feuffrevistaquerubim/index.php?option=com_content&view=article&id=4&Itemid=4>. Acesso em: 10 mai. 2009.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Lev Vygotsky*. Direção e Edição Regis Horta. São Paulo: Atta Mídia e Educação, [s.d.]. 6 vídeos, mídia eletrônica. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=2qnBE8A6Fk&feature=Playlist&p=F7EA2C70489F86C0&index=0>>. Acesso em 06 out 2009.

RODRIGUES, Maria Bernadette C. Planejamento: em busca de caminhos. In: XAVIER, Maria Luiza M; DALLA ZEN, Maria Isabel H. (Orgs). *Planejamento em destaque: Análises menos convencionais*. 3. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2003, p. 51-63.

VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

XAVIER, Maria Luiza M. Introdução a questão do planejamento: globalização, interdisciplinaridade e integração curricular. In: XAVIER, Maria Luiza M; DALLA ZEN, Maria Isabel H. (Orgs). *Planejamento em destaque: Análises menos convencionais*. 3. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2003, p. 05-26.